



A HOMOFOBIA NO CONTEXTO ARTE/VIDA

Guaraci da Silva Lopes Martins¹

Com o ingresso no Curso de Doutorado, ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Teatro e Escola de Dança, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, busquei integrar a teoria às práticas pedagógicas, por meio da pesquisa participante sistematizada, com uma abordagem qualitativa, para melhor contribuir com uma educação transformadora comprometida com a cidadania. Esta pesquisa intitulada “*Encontro Marcado*”: *Um Trabalho Pedagógico com Performances Teatrais para a Discussão das Sexualidades em Espaços de Educação*, está inserida na linha de Pesquisa Corpo e(m) Performance, tendo como objeto de estudo uma metodologia de trabalho com o teatro a fim de abordar questões de sexo, gênero e sexualidade em espaços formais e não formais de educação. Para a sistematização deste trabalho, elaborei os seguintes questionamentos:

Qual o nosso papel como docentes nos processos que refletem as relações de poder instaladas nas relações sociais? Quais são os procedimentos didáticos que podem resultar numa transformação da atitude das pessoas em espaços educacionais com relação à sexualidade? Em que medida o teatro e a sua presença na escola contribuem para a desestabilização dos discursos excludentes? De que forma os cursos de formação de professores podem contribuir no processo de subversão de um sistema homofóbico

No primeiro semestre do ano letivo de 2008, esta investigação científica envolveu uma turma de alunas(os) estagiária(os) convidada a participar desta pesquisa na disciplina de Estágio Supervisionado III, do Curso de Licenciatura em Teatro da Faculdade de Artes do Paraná, disciplina esta pela qual sou responsável. O convite foi aceito com unanimidade pela turma, que se envolveu com interesse em suas próprias pesquisas durante o estágio supervisionado. Participaram, ainda, da pesquisa, professoras(es) que ministram aula de Teatro nas escolas estaduais e municipais de Curitiba e Região Metropolitana. Essas/esses profissionais desenvolveram o *Curso de Extensão Gênero e as Múltiplas Sexualidades*, ministrado no primeiro semestre de 2008 na Faculdade de Artes do Paraná.

Outra importante experiência para o desenvolvimento dessa investigação se deu por meio do contato com grupos sociais organizados e presididos por pessoas que buscam contribuir para a

¹ Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná; Doutora em Teatro pela Universidade Federal da Bahia/UFBA e Docente da Faculdade de Artes do Paraná/FAP
e-mail: guaraci.martins@gmail.com



construção da cidadania de sujeitos discriminados e excluídos em função de sua identificação de gênero e sexualidade. Mais precisamente, por meio da *Aliança Paranaense da Cidadania*, formada por seis diferentes organizações, cujo objetivo é fortalecer uma atuação conjunta e diversificada capaz de atender, com expressão, as necessidades específicas dos segmentos que fazem parte do Movimento LGBT — lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais — além de trocar apoios técnicos, políticos e financeiros entre si.

O interesse na articulação do teatro com as questões relacionadas ao gênero se deu principalmente em função da minha trajetória como atriz e professora de Teatro no Ensino Básico e Superior de Educação, por meio da qual constatei a importância dessa arte no âmbito educacional. Os sujeitos envolvidos no processo criativo das artes cênicas, incluindo-se as/os estudantes de variadas faixas etárias e áreas do conhecimento, podem vivenciar infinitas e variadas sensações, sentimentos, emoções, desejos, anseios e necessidades. Compreendi, então, que o processo dramático pode ser um campo fértil de contato, na medida em que solicita a disponibilidade de envolvimento das pessoas consigo e com o outro quando se encontram em um exercício de alteridade.

Em diferentes processos de criação dos quais participei, foi possível perceber que o teatro pede a presença total das pessoas que dele participam, sendo que essa presença possibilita o processo de integração individual e coletiva. É importante lembrar que essa arte tem como uma de suas características o trabalho coletivo, compreendido como o estabelecimento de parcerias em que todos possam pensar, realizar, avaliar e redefinir juntos o processo. Concordo, portanto, com António Nóvoa², quando argumenta sobre a importância de estabelecimentos de metas e objetivos comuns, da divisão de tarefas e das dificuldades no enfrentamento de ideais comuns, de utopias por uma escola — acrescento uma sociedade — mais justa e menos excludente.

Nesse sentido, o teatro pode representar um vetor de mudança social, uma vez que permite a inter-relação entre sujeitos movidos pelo desejo do encontro em um intercâmbio de ideias, mas com uma frequência geradora de conflito pela própria diversidade constitutiva das relações sociais. Essa constatação teve como base a própria experiência com o teatro que, gradativamente, ampliou minha percepção sobre a importância dessa arte no processo de debate sobre variadas questões e valores humanos levados para a cena. Em minha práxis pedagógica mediada pelo teatro, diversas vezes tive a oportunidade de perceber que a escola é um espaço produtor e reproduzidor de padrões sociais pré-estabelecidos em nosso sistema. Na encenação teatral, a/o estudante carrega consigo conceitos

² NÓVOA, António. A formação de professores e profissão docente. In: **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.



estereotipados sobre variadas categorias: raça, etnia, classe, gênero e sexualidade; estas, inter-relacionadas entre si.

Convivemos com uma série de atributos polarizadores que privilegiam um grupo social, considerando-se que a saudação da diferença hierarquizada nas relações entre gêneros também é comum no *status quo* reificador da hegemonia heterossexual. Entendo, por exemplo, que o emprego do masculino no plural para expressar o conjunto de sujeitos femininos e masculinos reforça processos de ocultamento do gênero feminino. Concordo com Louro³, quando aponta ser absolutamente natural uma pessoa se dirigir a uma sala repleta de mulheres empregando o masculino, plural, no momento em que vê um homem no grupo. Nesse sentido, é imprescindível o exercício de desestabilização de mecanismos produzidos por meio de relações de desigualdade.

A homofobia no espaço da cena e da escola

No espaço escolar muitas(os), estudantes são subjugadas(os) na sua relação com as/os colegas e também com as/os professoras(es) que, em sua maioria, manifestam desprezo contra aquelas/aqueles que contrariam os padrões de gênero e de sexualidade estabelecidos na cultura em que estão inseridos. Desta forma, é possível afirmar que essa instituição, ainda hoje, legitima determinadas identificações, reprimindo e marginalizando outras. Assim, a escola está longe de ser um espaço no qual adolescentes ou adultas/adultos possam assumir o que realmente sentem.

Na dramaturgia também estão as diversas prescrições e definições sobre o corpo e a sexualidade que podem ser discutidas por meio do Teatro. A/O docente desta área de conhecimento pode recorrer deste recurso para estimular a discussão sobre o tema a ser levado para a cena. Em seu dinamismo, o teatro proporciona a utilização de variados recursos no desenvolvimento de uma encenação. As pessoas envolvidas na ação pedagógica podem utilizar textos já elaborados existentes no imenso repertório de obras dramáticas nacionais ou estrangeiras. Porém, não somente os textos já elaborados, mas também aqueles baseados na criação coletiva, a partir dos mais diversos recursos — jornais, contos, fragmentos de texto, histórias de vida, composição musical, provérbios, situações do cotidiano, etc. — são igualmente importantes para o desenvolvimento da imaginação criativa e para o pensamento crítico, reflexivo e construtivo das/dos estudantes envolvidas com o processo teatral.

³ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.) São Paulo: Contexto, 1997.



Cabe ressaltar a obra dramática *O Beijo no Asfalto*, de Nelson Rodrigues pela sua abordagem sobre o assunto. Um texto já utilizado na minha docência quando atuante no Ensino Médio; portanto, foi trabalhado com adolescentes e visava à problematização sobre processos homofóbicos. Naquele momento, foi possível transcender a discussão sobre a temática para além da prevenção e da promoção da saúde, cuja idéia predominante está enraizada em conceitos biologizantes e naturalizados, muitas vezes sem uma discussão mais aprofundada pelo viés da construção histórica, social e cultural.

A peça supracitada, que tem em seu autor um dos melhores dramaturgas(os) modernas(os) brasileiras(os), foi escrita em 1960 e tem como tema central a manipulação da mídia na vida cotidiana das pessoas. Pela abordagem da homossexualidade, esta obra pode ser uma escolha relevante numa proposta pedagógica comprometida com o desenvolvimento da cidadania. Acredito que o estudo e a encenação desta literatura dramática merece ser compreendida como uma instigante prática pedagógica, para se repensar a própria conduta e o contexto sociocultural no qual estamos inseridas(os). Ela oferece, à pesquisa investigativa, o levantamento de conceitos e preconceitos morais e de posturas sociais que auxiliam o questionamento de práticas associadas aos discursos por meio dos quais a sexualidade é construída.

A suposta homossexualidade do jovem Arandir, protagonista da peça, leva-o a ser, lentamente, excluído pela sua família e a ver sua vida afetiva, pessoal e profissional gradativamente desmantelada em um processo de destruição que culmina com a sua morte. Trata-se de mostrar, de uma forma contundente, o contexto social brasileiro marcado pela discriminação e levado às últimas consequências, como revela a fala do personagem durante o segundo ato:

Arandir (sem se aproximar e estendendo as duas mãos crispadas) — Coração, olha! No emprego e aqui na rua. Eu sei que aqui na rua ou ...? Ninguém acredita em mim. E, hoje, quando eu saí do emprego... Meu bem, escuta! Fiquei andando pela cidade. Tive a impressão de que todo mundo me olhava. No lotação, em todo lugar, eu acho que me reconheciam pelo retrato. Eu saltava de um lotação e apanhava outro. A mesma coisa⁴.

Esse personagem passou a carregar consigo um inaceitável comportamento de conduta imoral, a partir do momento em que beija a boca de outro homem e favorece aos que o rodeiam a oportunidade do massacre: ele feriu os padrões previamente estabelecidos pela convenção social.

Para as pessoas que perseguem Arandir, homem que beija outro homem é pederasta. Como tal, estaria contrariando a natureza e, por isso, deve ser destruído. Acuado por todos os lados, incluindo a sua mulher, desconfiada de sua inocência, o rapaz foge de casa, escondendo-se em um hotel do centro do Rio de Janeiro.

⁴ RODRIGUES, Nelson; MAGALDI, Sábato (Org.). **Teatro completo: tragédias cariocas II**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 128.



No ato seguinte, Arandir é assassinado pelo sogro, Aprígio, que revela o seu desejo pelo genro. Esta é uma cena surpreendente no final da peça. Até então, em nenhum outro momento, o sogro Aprígio deixa transparecer os seus sentimentos. Mantinha-se “no armário”, encontrando no crime uma única possibilidade de libertação. Mata o jovem, então, com dois tiros, pronunciando pela primeira vez o seu nome, desde o casamento de Arandir com sua filha Selminha: “*Arandir! Arandir! Arandir!*” Isto seria uma consequência direta da hierarquização da sexualidade e do *status* superior arbitrariamente conferido à heterossexualidade, suposta como natural, em detrimento de outras manifestações e expressões identitárias compreendidas como inferiores ou, mesmo, anormais. De fato,

vivemos em um mundo relacional consideravelmente empobrecido pelas instituições. A sociedade e as instituições que constituem sua ossatura limitaram a possibilidade de relações, porque um mundo relacional rico seria extremamente complicado de administrar. Devemos lutar contra esse empobrecimento do tecido relacional⁵.

Assim como Arandir, massacrado em nome da manutenção dos contornos demarcadores das fronteiras, muitas(os) adolescentes são vítimas de situações homofóbicas no próprio ambiente escolar. Com frequência, elas/eles procuram ocultar os seus desejos, sob pena de serem excluídas pelas(os) colegas em sala de aula e, em casos extremos, serem convidadas(os) a se retirarem da Escola. Em muitas famílias brasileiras, adolescentes tentam dissimular os seus verdadeiros desejos afetivo-sexuais, e os pais, quando percebem, rejeitam suas/eus filhas(os) ou compartilham a vergonha porque se sentem co-responsáveis por este fato.

Dentre os inúmeros artigos de jornais e revistas que consultei e colecionei tratando sobre os diversos tipos de homofobia selecionei um deles, para ampliar a reflexão sobre o assunto. Como critério para seleção, destaco a Escola como ambiente no qual ocorreu o fato que vou relatar. Esta foi uma cena real tão representativa dessas questões quanto o drama vivenciado pelo personagem Arandir, da obra *O Beijo no Asfalto*, de Nelson Rodrigues.

A manchete do artigo de jornal é a seguinte: “Alunos acusam colégios de discriminação sexual”. O artigo nos informa sobre um estudante do 2º ano do Ensino Médio, homossexual assumido, que foi ameaçado de ser expulso da escola e que, por isso, procurou a Direção Geral do estabelecimento de ensino, para reclamar de constrangimentos sofridos, praticados pelo inspetor daquela instituição diante dos próprios colegas. De acordo com os relatos do adolescente, na saída de uma prova, o inspetor pegou-o com violência pelo braço e obrigou-o a deixar a escola sob o

⁵ FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. (org.) Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda. 2004, p. 120.



argumento de não ser permitido permanecer nas dependências da escola após a prova. Tal atitude foi acompanhada de insultos, segundo o relato do estudante.

Quando este aluno informou à diretora sobre a sua intenção de denunciar o funcionário, esta lhe respondeu que não poderia fazer nada, pois o fato de o inspetor ser preconceituoso era um problema apenas dele e não da escola. A diretora apresentou ao jovem duas opções: mudar para o turno da noite ou procurar outra escola. De acordo com o artigo jornalístico, a postura da Direção Geral, embora tenha mobilizado um grupo de professoras(es) que se posicionaram em favor do jovem discriminado, o aluno solicitou a sua transferência para uma outra escola para dar continuidade à sua vida acadêmica.

Tais circunstâncias reforçam a minha convicção sobre a importância do investimento na formação inicial e continuada de docentes, para que as/os mesmos possam melhor se preparar para lidarem de forma mais consciente e responsável com situações homofóbicas, manifestadas nos mais diversos ambientes sociais, cabendo especificar o espaço escolar. O desafio das políticas públicas está em associá-las a políticas pedagógicas contra qualquer tipo de violência. Para Giroux⁶, a dominação nunca é tão completa que o poder possa ser experimentado exclusivamente como uma força negativa, pois onde há poder há também resistência.

Entendo que, pela Arte, é possível abrir o acesso a novos conceitos que desafiam os fundamentos básicos da normatividade, rumo a uma construção social modelada por situações concretas. Valendo-me da observação de Weeks⁷, ainda que as distinções anatômicas sejam constatadas no nascimento, os significados a elas associados são altamente históricos e sociais e, por isso mesmo, passíveis de mudanças. Chamo aqui a visão de Bertold Brecht do teatro como espaço de transformação e ação política, sobretudo, de formação de quem faz e assiste, numa atitude consciente de mudança do mundo que ele representa. A cadeia da história não se estabelece pela sucessão de fatos, mas pela sucessão de ideias, desejos, sonhos, necessidades. Isso nos reporta à capacidade do sujeito de se transformar e transformar o seu meio.

A pedagogia do teatro e novas percepções do desejo

Penso que todas as pessoas possuem a necessidade latente de representar na fantasia a realidade desejada em oposição à atmosfera cotidiana; esta é capacidade que torna possível a sua evolução e viabiliza situações que não existem, mas que podem vir a existir. De acordo com o

⁶ GIROUX, Henry. **Escola Crítica e política cultural**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

⁷ WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. (org.) LOURO, Guacira Lopes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.



pesquisador francês Bruno Duborgel⁸ a arte é sempre colocada sob suspeita e vigilância na educação, pela sua capacidade de permitir que sujeitos imaginativos transgridam o sistema estabelecido nas diversas instituições sociais. Neste sentido, a ilusão pode não interferir diretamente sobre a realidade; entretanto, na medida em que modifica a atitude subjetiva para com a realidade, indiretamente a modifica.

Acrescento que o Teatro concorre para os processos de constituição da/do estudante/cidadã/cidadão e, por isso mesmo, amplia a sua capacidade de compreensão e intervenção na realidade dentro de uma perspectiva autônoma e democrática. Contudo, lembro o seguinte: “Como professor, não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei”⁹. Dependendo do seu encaminhamento, naturalmente, a escola acaba por reforçar a negação do outro, colaborando na produção e na reprodução de sistemas discriminatórios.

Inicialmente, o objeto de estudo desta pesquisa, norteado por uma metodologia de trabalho com o Teatro, para abordar questões de sexo/gênero e sexualidade nos espaços educacionais, pareceu-me um desafio a ser enfrentado. Nesta caminhada, encontrei parceiras(os) envolvidas(os) com a educação, interessadas(os) no desafio de se interrogarem, talvez pela consciência da importância de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido. Cabe ressaltar a ativa participação das/dos professoras(es) em formação continuada, assim como das/dos licenciandas(os), todas(os) dispostas(os) ao questionamento da fixidez das identidades com as contribuições da encenação teatral.

Juntas(os), concordamos sobre os riscos da/do docente levar para a sala de aula conceitos pautados em seus próprios padrões de comportamento e de atitude. Com unanimidade, os depoimentos das/dos alunas(os) professoras(es) ressaltaram que os cursos de formação não tratam da diversidade sexual. Nesta perspectiva, raramente elas/eles desenvolvem esse tema de uma forma sistematizada durante o seu curso de graduação, culminando com a abordagem sobre a temática sem um conhecimento aprofundado.

As/Os participantes informaram ainda que, em sua maioria, as escolas não investem no teatro como área de conhecimento, tampouco possuem propostas pedagógicas que tratem sobre a sexualidade e quando levado para a sala de aula este tema se restringe às ciências biológicas e/ou opiniões fundamentadas em crenças religiosas e pré-conceitos que reforçam práticas geradoras de

⁸ DUBORGEL, Bruno. **Imaginário e Pedagogia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

⁹ Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 95.



exclusão, violência e evasão escolar. Desta maneira, subtrai-se a possibilidade da reflexão sobre os processos sócio-culturais que produzem formas de vivência da sexualidade e do prazer, os quais percorrem em direções diferentes e, às vezes, opostas.

Todavia, esses mesmos depoimentos demonstraram que, não somente as/os alunas(os) estagiárias(os), mas também as/os professoras(es) têm o interesse em dar continuidade aos estudos sobre a mesma temática, mantendo a mesma abordagem em sua ação docente. Reputo esse comprometimento pelos próprios desafios encontrados em suas práticas pedagógicas, em que as atividades teatrais e os respectivos debates evidenciaram a importância de estratégias que possam melhorar os conflitos em torno dos limites do discurso do sexo. Limites estes marcados por sua concepção naturalizada, a-histórica, e, conseqüentemente, imutável.

A educação para a cidadania requer a discussão e a reflexão sobre questões sociais que invadem o cotidiano de cada um e que precisam ser abordadas no processo de ensino e aprendizagem. O professor é um ser do e no mundo, e expressa a sua interação e influências adquiridas nas relações sociais. Para Foucault (2004), a maneira como agimos e reagimos está ligada a uma maneira de pensar, naturalmente ligada à tradição. Os processos políticos e sociais que organizam a nossa sociedade e que, gradativamente, fazem parte do nosso cenário familiar são produtos de determinadas transformações históricas bem precisas: “Através dessas diferentes práticas – psicológicas, médicas, penitenciárias, educativas – formou-se uma certa ideia, um modelo de humanidade; e essa ideia do homem tornou-se atualmente normativa, evidente e é tomada como universal”. (FOUCAULT, 2004, p.299)

Os processos de discriminação em função da identidade de gênero, e também da identidade sexual são fontes de novos saberes que perpassam a pesquisa acadêmica e as lutas dos diferentes movimentos sociais, denotando novas possibilidades de interação social. Um dos desafios à formação de docentes seria a inclusão de embasamentos teórico-metodológicos para a incorporação dessa temática no espaço escolar. Cabe aqui a observação de Louro (1997, p.76), quanto à importância do reconhecimento de que “as preocupações e a vigilância em relação à sexualidade não se restringem às alunas, nem mesmo apenas aos alunos, mas a todas as pessoas (inclusive adultos) que convivem na escola”.

Existem vários processos de construção de identificação, e o reconhecimento da diferença dentro da diferença é fundamental para a superação de generalizações que rotulam o sujeito. Pensando na área da Educação, acredito que, desde as primeiras etapas da sua vida acadêmica, as pessoas, precisam estudar, discutir, refletir, sobre questões de gênero, classe, raça/etnia e



sexualidade, com perspectivas de continuidade destes conteúdos, em todos os níveis de ensino. Esta reflexão deve encontrar eco em todas as instituições sociais carentes sobre tais questões, incluindo-se o ambiente familiar.

Conclusão

A escola é uma instituição capaz de integrar de forma harmoniosa os sujeitos no ambiente social já existente, por meio de recursos pedagógicos comprometidos com a capacidade dos alunos de transitarem, inteligentemente, do mundo da experiência imediata e espontânea para o plano das abstrações e, deste, para a reorganização da experiência imediata. A realidade social é construída, a cada instante, pelos mais diversos participantes e nos mais diversos contextos. As verdades instituídas nos diferentes espaços sociais podem ser questionadas e transformadas. Por outro lado, o pensamento crítico e reflexivo não acontece ao acaso; ao contrário, precisa ser instigado e cultivado, requerendo as condições necessárias para o seu desenvolvimento.

A arte teatral pode ser um espaço privilegiado para se discutir as questões aqui abordadas com vistas a uma reelaboração de conceitos vinculados a esta temática. Importante lembrar que, no espaço da cena, o indivíduo vivencia possibilidades múltiplas de relação com o outro e com o mundo em direção ao novo, ao extra-cotidiano. Acrescento que uma educação comprometida com processos de conhecimento fundamentados na integração corpo/mente/emoção favorece propostas educacionais importantes para que as pessoas nelas envolvidas ampliem a percepção sobre a própria subjetividade, com base nas experiências propiciadas. Esta área do conhecimento humano associada a uma pedagogia e um currículo *queer* é de suma importância em propostas de educação que aspiram à mudança no *status quo*, com uma abertura para novos olhares sobre o próprio contexto refletido na cena.

Bibliografia

- DUBORGEL, Bruno. **Imaginário e Pedagogia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. (org.) Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária Ltda. 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GIROUX, Henry. **Escola Crítica e política cultural**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1988.



LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.) São Paulo: Contexto, 1997.

NÓVOA, António. A formação de professores e profissão docente. In: **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

RODRIGUES, Nelson; MAGALDI, Sábado (Org.). **Teatro completo: tragédias cariocas II**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. (org.) LOURO, Guacira Lopes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.